

## **Caminhar com as crianças indígenas, encontrar epistemologias outras**

### **Walking with indigenous children, discovering other epistemologies**

### **Caminar con los niños indígenas, encontrar otras epistemologias**

*Adir Casaro Nascimento<sup>1</sup>  
Carlos Magno Naglis Vieira<sup>2</sup>  
Rozane Alonso Alves<sup>3</sup>*



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe20412>

**Resumo:** A proposta é tensionar possibilidades metodológicas no contexto de pesquisas com crianças, buscando articulá-las ao campo dos Estudos Culturais. Nosso objetivo é olhar para as crianças indígenas como autoras e coautoras dessas pesquisas e desses trabalhos, que se apresentam em diferentes espaços e contextos acadêmicos. Ao olhar para e com as crianças indígenas, com quem aprendemos a brincar, propomos, neste excerto, problematizar em que medida as narrativas infantis têm constituído outros modos de fazer pesquisa.

**Palavras-chave:** Pesquisas com crianças. Crianças Indígenas. Estudos Culturais. Autoria da pesquisa com crianças.

**Abstract:** The proposal is to tension methodological possibilities in the context of research with children, seeking to articulate them with the field of Cultural Studies. Our goal is to look at Indigenous children as authors and coauthors of this research and these works, which are presented in different academic spaces and contexts. By looking at and with Indigenous children, with whom we have learned to bricolage, we propose, in this excerpt, to question the extent to which children's narratives have constituted other ways of doing research.

**Keywords:** Research with children. Indigenous children. Cultural studies. Authorship of research with children.

<sup>1</sup> Universidade Católica Dom Bosco. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1629728652577164>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7488-6022>. Contato: [adir@ucdb.br](mailto:adir@ucdb.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Rondônia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0757780259670322>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4004-4836>. Contato: [carlos.vieira@unir.br](mailto:carlos.vieira@unir.br)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Amazonas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7271103372811887>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1401-5556>. Contato: [rozanealonso@ufam.edu.br](mailto:rozanealonso@ufam.edu.br)

**Resumen:** La propuesta es explorar posibilidades metodológicas en el contexto de la investigación con niños, buscando articularlas con el campo de los Estudios Culturales. Nuestro objetivo es considerar a los niños indígenas como autores y coautores de estas investigaciones y trabajos, que se presentan en diferentes espacios y contextos académicos. Al observar a los niños indígenas, con quienes aprendemos a improvisar, proponemos, en este extracto, problematizar en qué medida las narrativas infantiles han constituido otras formas de hacer investigación.

**Palabras clave:** Investigaciones con niños. Niños indígenas. Estudios culturales. Autoría de la investigación con niños.

## O QUE PRETENDEMOS? PARA INÍCIO DE CONVERSA

Temos buscado tensionar, no contexto de pesquisas produzidas com crianças indígenas, tanto na região Norte quanto na região Centro-Oeste do país, as abordagens metodológicas, seja na construção dos dados, seja nos debates que se configuram como textos acadêmicos. Nosso objetivo é olhar para as crianças indígenas como autoras e coautoras dessas pesquisas e desses trabalhos, que se apresentam em diferentes espaços e contextos acadêmicos. Ao olhar para e com as crianças indígenas, com quem aprendemos a brincar, propomos, neste excerto, problematizar em que medida as narrativas infantis têm constituído outros modos de fazer pesquisa.

Dialogando com o campo da pesquisa pós-crítica em Educação, propomos apresentar possibilidades de como, metodologicamente e na organização dos textos submetidos à academia, trazer as crianças como autoras dos debates que foram produzidos com elas e também por elas, no contexto da pesquisa empírica. Articulado a esse debate, buscamos também tensionar os mecanismos pelos quais as pesquisas têm sido produzidas dentro dos campos teórico-metodológicos que envolvem crianças, especialmente as indígenas.

Ao trazer as crianças indígenas como autoras, trazemos para o debate o olhar sobre o conceito de pesquisa e o papel dos pesquisadores e pesquisadoras das infâncias e das crianças, descentralizando o(a) pesquisador(a) como único(a) produtor(a) de conhecimento na pesquisa. A proposta é suspender a narrativa de que a pesquisa com crianças deve apresentá-las como objetos de estudo, cuja voz e agência eram, e ainda são, frequentemente subalternizadas e marginalizadas.

No entanto, ao trazer as crianças como sujeitos epistêmicos, tanto na pesquisa quanto na apresentação dos dados produzidos com elas, permite-se aos pesquisadores e pesquisadoras acessar experiências epistemológicas e estratégias metodológicas, além de suas narrativas e seus modos de ser e viver as infâncias, neste caso, indígenas. Essa postura transgressora nos permite, junto a elas, construir outros modos de fazer pesquisa,



contribuindo para uma produção de conhecimento que entende a pedagogia indígena como estratégia para o olhar epistêmico dessas crianças sobre suas identidades, modos de ser e cosmologias.

Faz parte deste texto negociar nossos olhares com o campo teórico ao qual discutimos e produzimos pesquisa. Nesse campo, somos desafiados a aprender a conviver com as crianças, a construir uma postura ética frente às suas identidades e diferenças, e a repensar/desconstruir os pensamentos naturalizados, hierarquizados e os vícios de nossa percepção de ver e compreender a diferença, em especial as crianças.

Amparados em uma inspiração pós-crítica de pesquisa em Educação, apontamos como perspectiva teórica o campo dos Estudos Culturais, atuando como elemento de rasura na construção de nossos campos de pesquisa. Assim, o texto em questão está organizado na discussão sobre os anseios que o campo dos Estudos Culturais nos produzem enquanto pesquisadoras(es) com e sobre crianças indígenas e, a partir desses anseios, apresentamos como possibilidade metodológica nossos trânsitos e circularidades no contexto da pesquisa com crianças.

## **Estudos Culturais e Crianças Indígenas: Possibilidades Teórico-Metodológicas**

Propondo dialogar com procedimentos e possibilidades teórico-metodológicas para o desenvolvimento do estudo com crianças<sup>4</sup>, nos propomos olhar para o campo dos Estudos Culturais, articulando a bricolagem como texto, discurso e produção de dados que traduz, negocia e transita nos estudos com crianças, neste caso, indígenas.

Com base na perspectiva de Alves (2017), a bricolagem pode ser assumida como recurso, procedimento e uma alternativa possível para a realização de pesquisas com crianças. Essa escolha metodológica nasce da sensibilidade aos olhares e gestos dessas crianças, que afetam profundamente o rumo da investigação. Ser afetado no processo metodológico demanda um devir (Deleuze; Guatarri, 2004), entendido como uma potência que se manifesta ao longo do percurso, tensionando e transformando nossas práticas, experimentações, vivências e aprendizados.

---

<sup>4</sup> Trabalhamos com o termo “com crianças” por compreendermos que no contexto da pesquisa, elas – as crianças – não se constituem como sujeitos da pesquisa, mas como pesquisadoras que produzem, formulam e ressignificam dados e teorias na estruturação de um campo e de um texto de pesquisa.



Ao ousar compreender a bricolagem como uma forma de tradução — no sentido de fazer, construir, elaborar, montar, reinventar e ressignificar a pesquisa —, essa compreensão emerge da articulação progressiva entre distintos conceitos (Alves, 2017). Sob essa ótica, a bricolagem também pode ser interpretada como tradução, à maneira da “natureza performativa da comunicação cultural” (Bhabha, 1998, p. 313), na qual “o signo da tradução narra, ou ‘canta’, continuamente os diferentes tempos e espaços entre a autoridade cultural e suas práticas performativas” (Bhabha, 1998, p. 313).

“Os Estudos Culturais jamais constituíram, e tampouco constituem, hoje, um conjunto rigidamente articulado de ideias, concepções e pensamento” (Kirchof; Wortmann; Costa, 2015, p. 7). Mas se apresentam, segundo Nascimento e Alves (2018), como um campo de investigação que busca nas transitoriedades o espaço de “produção de novos saberes acerca dos modos como processos socioculturais estão implicados na construção de nossas concepções sobre o mundo [...]”. (Kirchof; Wortmann; Costa, 2015, p. 7).

A investigação com crianças indígenas, quando situada no campo dos Estudos Culturais, coloca como rasura modelos metodológicos convencionais, propondo em seu lugar estratégias que reconheçam a infância espaço/tempo que produz modos de ser. Ao olhar as infâncias, não como temporalidade, mas como estratégias de corporificação de identidades que fluem, que ressignificam o modo como olham o ‘outro’ e também como constituem suas narrativas de si, pesquisadoras(es) têm como elemento de produção de dados a participação das crianças como sujeitos pesquisadoras e não apenas como sujeito da pesquisa.

Ao estar no campo de pesquisa, pesquisando com as crianças e tendo/sendo elas também pesquisadoras, as composições, negociações e produções de dados vão bricolando novos modos de fazer pesquisa. Alves (2017) e Vieira (2015), ao pesquisar com crianças e atuar no campo dos Estudos Culturais, não se limita a procedimentos rígidos, mas, constituem-no como espaço de negociação onde diferentes formas de conhecimento circulam e se ressignificam.

A noção de bricolagem, discutida por Alves (2017), oferece um caminho potente para pensar metodologias que escapam à linearidade dos métodos tradicionais. Considerando-a mais do que uma técnica, a bricolagem se apresenta como gesto político-epistemológico que valoriza narrativas orais, expressões corporais, grafismos e outras linguagens que compõem o universo infantil indígena. Como destacam Kirchof, Wortmann e Costa (2015), os Estudos Culturais se definem justamente por essa abertura às transitoriedades,



recusando enquadramentos fixos e privilegiando abordagens que se constroem no diálogo com os contextos pesquisados.

Não são apenas gestos corporificados; são modos de ser que transitam entre o sagrado, o epistemológico, a natureza e estratégias culturais que atuam como suturas entre passado e presente, entre saberes e modos de ser. As crianças são sujeitos pesquisadores pois percebem pontos nodais (Bhabha, 1998) entre aquilo o que propõe o adulto pesquisador enquanto objetivo e objeto de pesquisa e o que cosmologicamente faz sentido à pergunta central da pesquisa.

Ao estar com as crianças em contexto de pesquisa, é necessário apresentar a elas e deixar-se apresentar o que irá compor seu texto acadêmico. Nessa perspectiva, a pesquisa com crianças indígenas demanda uma postura ético-metodológica que questione as assimetrias entre pesquisador e pesquisados. Vieira (2015) argumenta que é necessário abandonar a pretensão de neutralidade e reconhecer que todo processo investigativo é marcado por relações de poder: não há sujeitos neutros. Isso implica, como sugere Nascimento (2019), criar condições para que as crianças não apenas participem da pesquisa, mas produzam seus rumos, ressignificando (se necessário) os objetivos da pesquisa trazendo seus modos próprios de compreender e narrar o mundo.

Alves (2017) ressalta ainda a importância de considerar as mediações culturais que permeiam as experiências infantis indígenas. A escuta atenta às dinâmicas comunitárias, aos saberes intergeracionais e às práticas cotidianas torna-se importante para construir metodologias que não reduzam as crianças a meros informantes, mas as reconheçam como produtoras de cultura, de identidades e, assim, de pesquisa. Nesse sentido, os Estudos Culturais, ao enfatizarem o caráter situado dos conhecimentos, convidam a repensar os próprios critérios de validade da pesquisa, deslocando o foco da generalização para a potência dos encontros singulares.

A articulação entre esses autores aponta para a urgência de metodologias que não apenas incluam crianças indígenas como sujeitos da pesquisa, mas que as percebam como pesquisadoras e sujeitos da pesquisa. Longe de receitas prontas, o que emerge é um convite à invenção de caminhos investigativos que tencionem a complexidade das infâncias indígenas, entendendo-as como territórios plurais onde se negociam, cotidianamente, modos de existir e conhecer, de ser e de produzir.

Para Nascimento e Alves (2018), as inconstâncias, as instabilidades e a transitoriedade na produção de novos saberes, “[...] constituem também os sujeitos

pesquisadores e pesquisadoras por meio da escrita que se produzem nos (des)caminhos da pesquisa, o 'si mesmo(a)' e os dos outros, no caso o 'si' das crianças indígenas”.

É nas angústias de pesquisar com crianças indígenas que pesquisadores(as) têm procurado apoio no campo das identidades e diferenças buscando negociar as discussões que permeiam as narrativas e os discursos sobre cultura(s), infâncias, crianças, para apresentar, a partir das tensões que as próprias crianças indígenas nos apresentam, seus modos de ser, suas percepções e suas cosmologias. Por esse e outros motivos, pesquisadoras e pesquisadores têm buscado se apoiar em teorias, conceitualmente, no campo de prefixo pós, que nos possibilite, de certo modo, “perceber as crianças indígenas como sujeitos atuantes dos procedimentos metodológicos, ou mesmo que possibilite a abertura de novas fontes teóricas”. (Nascimento e Alves, 2018, p. 32).

O campo dos Estudos Culturais, de maneira mais atenta, tem nos permitido possibilitar negociações e articulações pautadas nos conceitos, nas proposições e nas reflexões que as próprias crianças indígenas nos apresentam no contexto de pesquisa. Este campo teórico, como ponto nodal, nos apresenta “novos terrenos com práticas e produções cujas aproximações com a teoria são variadas e, sobretudo, incomuns, as quais, por sua diversidade e constantes transformações, ainda não puderam ser mapeadas” (Kirchof; Wortmann; Costa, 2015, p.9).

O diálogo com teorias de prefixo pós, especialmente os Estudos Culturais no campo da Educação, tem permitido tencionar os paradigmas que orientam a pesquisa com crianças indígenas, deslocando o eixo de uma abordagem meramente descritiva para uma que reconhece sua agência epistêmica. Como destacam Nascimento e Alves (2018), esse tensionamento não se trata simplesmente de incluir as crianças como participantes, mas de compreendê-las como sujeitos que reconfiguram os próprios procedimentos metodológicos. Nesse sentido, o “pós” não opera como marco temporal, mas como gesto crítico que tensiona as estruturas coloniais ainda presentes nas pesquisas acadêmicas, abrindo espaço para outras formas de produção de conhecimento.

Vieira (2015) argumenta que essa perspectiva exige um olhar atento às epistemologias indígenas, que frequentemente escapam aos enquadramentos metodológicos convencionais. A noção de bricolagem, retomada por Alves (2017) em chave pós crítica, ganha novos contornos quando problematizada em contextos indígenas, onde se manifesta não como improvisado, mas como prática intencional de articulação entre saberes. Aqui, a pesquisa deixa de ser um processo de extração de dados para se tornar



uma arena de negociação, onde os conhecimentos infantis interrogam e ressignificam as próprias bases teóricas do(a) investigador(a).

Alves (2017) alerta para os riscos de uma apropriação superficial dessas teorias, que pode levar a um exotismo metodológico. O desafio, portanto, não está em simplesmente "aplicar" conceitos pós críticos, mas em perceber e experienciar aquilo que as crianças indígenas nos apresentam como procedimentos metodológicos, possibilitando e, nesse processo, desestabilizando as certezas da academia. Isso implica, como sugerem Nascimento e Alves (2018), renunciar ao controle sobre os rumos da investigação, percebendo que as crianças não apenas respondem a perguntas, tiram fotos direcionadas e/ou ainda pintam ou desenharam solicitações de adultos pesquisadores(as), mas formulem novas questões que redirecionam toda a pesquisa.

Nascimento e Alves (2018), propõe que essa abertura requer uma reavaliação dos critérios de rigor acadêmico. Em vez da busca por generalizações, valoriza-se a parcialidade dos conhecimentos situados; no lugar da neutralidade, assume-se o caráter posicionado de toda produção científica. Vieira (2015) complementa essa discussão ao defender que a escuta das crianças indígenas não pode ser reduzida a técnica de coleta de dados, mas deve ser entendida como prática ético-política que reconhece sua condição de produtoras de teoria.

O que emerge desse debate é a necessidade de metodologias que não apenas estudem as culturas infantis indígenas, mas que sejam produzidas com e por elas. As teorias pós-críticas, longe de oferecer respostas prontas, convidam a um permanente estado de inquietação metodológica, em que as crianças não são objetos a serem decifrados, mas interlocutoras capazes de expandir os limites do pensamento acadêmico. Como sugerem Nascimento e Alves (2018), talvez a contribuição mais radical dessas abordagens esteja justamente em sua capacidade de nos fazer desaprender certas certezas coloniais, abrindo espaço para outras formas de conhecer que emergem dos cotidianos indígenas.

Temos procurado perceber as negociações não como a operacionalização da negação no campo da pesquisa, mas

[...] enquanto uma temporalidade que torna possível conceber a articulação de elementos antagônicos ou contraditórios: uma dialética sem a emergência de uma História teológica ou transcendente, situada além da forma prescritiva da leitura sintomática, em que os tiques nervosos à superfície da ideologia revelam a "contradição materialista real" que a História encarna. (Bhabha, 1998, p. 56).



No desenho de uma pesquisa com crianças indígenas, traduzir, como caminho provisório, que se percebe como sujeito pesquisador(a) que ressignifica seus modos de fazer pesquisa e pensar o pesquisar, nos possibilita, como processo e não como produto, olhar para a produção dos dados como espaço de percepção de modos de ser, muito mais da efetivação de um texto.

O discurso que se desprende e se propõe como fluido, como rasura, como sutura, só se constitui como tal na medida em que o próprio pesquisador e pesquisadora se atenta ao olhar da criança sobre a construção do texto, que denominamos científico. Isso porque a produção de dados não se finaliza na saída do(a) pesquisador(a) e seu retorno para a construção desse texto. O que temos observado enquanto sujeitos que pesquisam e atuam com crianças indígenas é a necessidade de estabelecer a coautoria, a parceria para além do estar lá, ou seja, no campo empírico, no espaço apresentado como pesquisa de campo.

Com as crianças indígenas, traduzimos nossas narrativas, saturamos nossos escritos e nossas análises. A sutura, neste caso, se apresenta como a projeção de nós próprios nessas identidades, como ressalta Hall (2005):

[...] nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os 'parte de nós' contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, 'sutura') o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis". (Hall, 2005, p. 12)

O trabalho com crianças indígenas desvela uma contradição fundamental na produção acadêmica convencional: a ilusão de que o texto científico emerge prontamente das "observações de campo", como se fosse possível separar nitidamente o momento da produção de dados da construção da análise e, nesse processo, descredenciar as crianças indígenas do espaço da pesquisa e da escrita da pesquisa.

Como nos alertam as experiências com essas crianças, o discurso científico só se constitui como fluido, rasurado e suturado quando reconhecemos que a autoria não reside apenas no(a) pesquisador(a), mas se dispersa nas múltiplas vozes que atravessam o processo investigativo. Hall (2005) nos lembra que as identidades — e poderíamos estender isso ao texto acadêmico — são suturas, um ponto provisório de articulação onde nos projetamos em outros, num jogo constante de identidade e diferença.

Nas pesquisas com crianças indígenas, essa sutura se constitui de maneira particularmente aguda. Não se trata apenas de "incluir" suas perspectivas como dados a serem interpretados, mas de perceber que elas negociam e articulam as narrativas que



pretendemos construir enquanto texto acadêmico. A tradução de que falamos Nascimento e Alves (2018) não ocorre apenas entre línguas, mas entre regimes de conhecimento, onde o próprio conceito de "coleta de dados" é posto em xeque. O que chamamos de sutura das análises não é um exercício metodológico, mas um processo ético-político no qual nossas categorias acadêmicas são tensionadas, negociadas e, às vezes, recusadas pelas crianças com quem trabalhamos.

Alves (2017) argumenta que essa coautoria não pode ser circunscrita ao momento da "pesquisa de campo", como se o retorno à universidade marcasse o fim do diálogo. Pelo contrário, as crianças indígenas continuam presentes no texto final, não como objetos descritos, mas como interlocutoras que interrogam nossos enquadramentos teóricos. Alves e Nascimento (2017) apontam que essa presença exige do(a) pesquisadora(o) uma renúncia ao controle autoral, aceitando que o texto científico é um espaço negociado, onde os modos de ser das crianças e suas estratégias de interpelação, de circularidade, de experiencição permanecem visíveis como rasuras que impedem o fechamento total da análise/do texto.

Hall (2005) nos oferece uma chave importante para entender esse processo: a identidade — e por extensão, o conhecimento — não é fixa, exata ou completa, mas construída através da diferença. Nas pesquisas com crianças indígenas, essa incompletude se torna metodologia. A sutura de que falamos não é um defeito a ser superado, mas a condição mesma de possibilidade de um texto que apresente a complexidade dos saberes infantis. As crianças não apenas contribuem com "dados", mas reorganizam nossas perguntas, deslocam nossos conceitos e, finalmente, ressignificam o que entendemos por conhecimento científico.

O desafio que se coloca, então, não é técnico, mas profundamente político: como construir textos acadêmicos que não apaguem essas rasuras, mas as exibam como testemunho do caráter relacional e sempre inacabado da pesquisa? Nascimento e Alves (2018) sugerem que a resposta está, talvez, em abandonar a pretensão de textos "lisos" e abraçar aqueles que carregam as marcas visíveis desses encontros — textos que são, em si mesmos, territórios de negociação permanente. Nesse sentido, a pesquisa com crianças indígenas não termina quando o artigo é publicado; ela continua ecoando, exigindo de nós a percepção de que o conhecimento apresentado no excerto (seja ele tese, dissertação, relatório de pesquisa, entre outros) está como autoras e negociadoras de saberes, nas crianças.

Os procedimentos de pesquisa, os instrumentos, as narrativas que produzimos e são produzidas no contexto de pesquisa são frutos das percepções que as próprias crianças indígenas vão nos mostrando. São elas que suturam nossas projeções de dados, que negociam nossos objetivos e que traduzem nossas narrativas, nossos olhares, nossos modos de ser e estar com elas.

Não estamos tratando de retirar ou negligenciar o estar do e do(a) pesquisador(a) no campo de pesquisa; estamos problematizando que nossas percepções, teorias e conceitos são significações e representações de modos de ser outros que, ao estar com as crianças, vão sendo traduzidas e se tornando um discurso textual dessas experiências. Somos, ao estar com as crianças indígenas, de maneira atenta, afetados pelos modos de ser e perceber o mundo, a cultura, a cosmologia, a espiritualidade, a escola, os sentimentos, as identidades, as diferenças, os mecanismos que articulam as lutas, os movimentos e tantos outros modos e sentidos que somos afetados pelas crianças indígenas quando nos colocamos no lugar do sujeito que aprende a ouvir, a ver, a estar com elas.

A tradução, neste caso, se articula à “cultura como processo de significação e constituição de um novo, tendo como pressuposto o desconhecido, o alheio, o distante, posso dizer que o híbrido está como resultado sempre presente e temporal do ato de significar no contato entre culturas”. (Scaramuzza, 2015, p. 170). Para Bhabha (1998, p. 36), “[...] a articulação de culturas é possível, não por causa da familiaridade ou similaridade de conteúdos, mas porque todas as culturas são formadas de símbolos e constituidoras de temas – são práticas interpelantes”.

Estamos, neste excerto, tencionando e problematizando os procedimentos metodológicos, negociados ao campo dos Estudos Culturais, como a necessidade de constituir e estabelecer práticas de investigação que percebam o movimento da pesquisa a partir das afetações, das afetividades que são produzidas no contexto da pesquisa. Afetação que não nega, que não limita, mas instiga memórias, articula teorias e conceitos, que nos produz e produz dados.

Enquanto pesquisadores(as), devemos estar atentos às contextualizações que apresentam como discurso, narrativa, significações, caminhos. “Contextualizar não se restringe a descrever um contexto ou uma relação, mas de aproximar sujeitos, culturas, e visibilizar as relações dos sujeitos com e sobre seu contexto” (Nascimento e Alves, 2018, p. 25).

No processo de contextualização como sentido e significado, cabe ao pesquisador e à pesquisadora tensionar e problematizar os deslizos, os escorregões nas escritas, nas



leituras, nas pesquisas, nas análises (Alves, 2017). Temos compreendido que “escorregar, o deslizar, além de criar a possibilidade de viver nas fronteiras, constitui também condições desses sujeitos pesquisadores(as) de olhar as suturas dos sujeitos com quem se pesquisa, neste caso, as crianças indígenas” (Alves, 2017, p. 182).

O movimento de tensionar os procedimentos metodológicos no campo dos Estudos Culturais nos auxiliam a problematizar, no contexto da pesquisa com crianças, o olhar para a pesquisa não como mera produção de dados, mas como espaço vivo de afetamentos, onde pesquisadores(as) e crianças vão suturando mecanismos metodológicos a partir olhares que se encontram e transitam a partir dos modos de ser de cada sujeito (adulto-pesquisador(a) e criança-pesquisadora) no processo investigativo. Essa perspectiva desloca o eixo da metodologia de um conjunto de técnicas neutras para um campo relacional, onde as afetividades não são ruído a ser eliminado, mas força motriz que instiga memórias, articula teorias e, sobretudo, produz conhecimento de forma radicalmente compartilhada.

Nas pesquisas com crianças indígenas, essa dimensão afetiva adquire contornos particulares. Como apontam Nascimento e Alves (2018), longe de serem meros “informantes”, as crianças afetam e são afetadas pelo processo de investigação de maneiras que desafiam as fronteiras entre sujeito e objeto de pesquisa. Esse afetamento não limita o rigor científico — pelo contrário, exige um rigor diferente, que incorpora a subjetividade não como viés, mas como condição epistemológica. Alves (2017) argumenta que é nesse espaço de afetamento que surgem as perguntas mais potentes, aquelas que nenhum protocolo metodológico pré-definido poderia antecipar.

A memória, nesse contexto, deixa de ser simples recurso metodológico para se tornar tecido vivo da pesquisa. As histórias compartilhadas pelas crianças indígenas não são “dados” a serem extraídos, mas convites a um diálogo que ressignifica tanto o passado quanto o presente da investigação. Como sugere Nascimento e Alves (2018), essas memórias afetam o(a) pesquisador(a), produzindo questionamentos, num movimento que direciona a pesquisa em espaço de encontro entre temporalidades e modos de ser sujeito pesquisador(a) (adulto e criança). O que emerge não é um conhecimento “sobre” as crianças, mas um conhecimento produzido “com” elas, construído pelas relações produzidas, pelos afetamentos e afetos nesses e desses encontros.

Nas pesquisas com crianças indígenas, esses afetamentos se tornam especialmente potentes quando olhamos para os conceitos teóricos não como simplesmente “aplicados”, mas tensionados, ressignificados, e, às vezes, não negociados no contexto de pesquisa. É



pelas experiências que afetam pesquisadores(as) no contexto de produção de dados que estes vão sendo constituídos. A teoria deixa de ser ferramenta neutra para se tornar campo de negociação, onde os saberes acadêmicos e os saberes infantis indígenas se encontram, se cruzam, se aproximam, se distanciam e, nesse processo, ressignificam o próprio campo teórico-metodológico.

Essa abordagem exige deslocamentos epistêmicos para se deixar afetar no sentido político-epistemológico e perceber que a produção de dados, articulada a um campo de saber, está dentro e não fora de um saber científico-cosmológico. Como argumenta Alves (2017), o afetamento se constitui como procedimento de pesquisa que é negociado entre adulto-criança pesquisador(a)-pesquisador(a).

Na pesquisa com crianças indígenas, não há uma etapa preliminar a ser desenvolvida, mas a necessidade de uma condição de vigilância epistêmica na e para a produção de saberes. O desafio metodológico, portanto, não está em controlar ou neutralizar esses afetamentos, mas em criar e possibilitar espaços onde elas possam tangenciar diferentes modos de ver o contexto e objetivo da pesquisa, produzindo narrativas sobre os modos de crianças e suas infâncias indígenas.

Como sugere Vieira (2020), talvez a maior contribuição dos Estudos Culturais para a pesquisa com crianças indígenas esteja justamente nessa capacidade de abraçar a pesquisa como processo vivo, onde metodologia não é receita, mas a arte delicada de tecer relações éticas e epistemológicas que respeitem a agência infantil em toda sua complexidade afetiva e política.

Não precisamos mais temer o processo de estarmos afetados pelo acontecimento no ato de pesquisar, pois o que antes era dado como ponto fraco do pesquisador, agora marca uma condição indispensável do processo de pesquisar: a capacidade de afetar e afetar-se para que se criem os modos de expressar os sentidos de uma pesquisa. (Lazzarotto; Carvalho, 2012, p. 27)

Percebendo o campo dos Estudos Culturais como campo teórico, móvel, flexível, que articula de ideias e conceitos, que problematizam os sujeitos e sua multiplicidade, seus contextos, significados, representações, identidades, enfim, culturas podemos, desse modo, possa pensar a criança indígena contemporânea e seus modos de relacionar-se nesses contextos (Alves, 2017; Vieira, 2015, Scaramuzza, 2015).

Nessas intenções apresentadas pelos Estudos Culturais, os afetamentos do pesquisar nos permitiram, enquanto pesquisadores(as), aproximar-nos da bricolagem como alento e procedimento de pesquisa. Por meio da bricolagem, os conflitos e as tensões se

tornaram o gatilho que nos permite suturar e negociar estratégias de pesquisa com crianças indígenas.

Ao apresentar a bricolagem como procedimento de pesquisa, que se articula ao ser afetado no campo empírico, Alves (2017) estabelece que a experiência do estar lá, do estar com, produz em nós, sujeitos que pesquisam (neste caso, crianças indígenas e pesquisadores/as) os afetamentos não como tática de descrição, mas como recurso de bricolagem, que coloca sob rasura as estratégias para a produção de dados no campo da pesquisa.

Neste caso, afetar-se por meio das experiências produzidas se constitui como procedimento que nos leva a produzir a bricolagem. Vamos em parceria, estabelecendo rasuras, suturas, negociações e articulações ao estar lá, ao estar com as crianças indígenas, seja em contexto urbano, seja nas comunidades, em seus territórios, em territórios que são contestados por elas não se descreverem nas proposições que o conhecimento eurocentrado estabelece como verdade das infâncias.

Alves (2017), ao tratar sobre a bricolagem como procedimento de pesquisa em sua tese de doutoramento, desestabiliza as convenções metodológicas tradicionais, reposicionando o "estar lá" na pesquisa com crianças não como mera etapa descritiva, mas como condição que altera os próprios termos da investigação. Essa abordagem recusa a separação entre sujeito e objeto, colocando em seu lugar uma relação de circularidade, onde pesquisadores(as) e crianças indígenas co-constroem os caminhos da pesquisa. A bricolagem, neste sentido, não se reduz a técnica, mas opera como sutura.

O "estar com", que Alves (2017) destaca, não produz dados no sentido convencional, mas um conhecimento intersticial — aquele que emerge no processo e não fora dele. Nas pesquisas com crianças indígenas, esses interstícios metodológicos se mostram especialmente potentes: os jogos, as narrativas, os gestos e os afetamentos não se encaixam nos instrumentos predeterminados, exigindo do(a) pesquisador(a) uma disposição para ressignificar seu olhar sobre os procedimentos metodológicos apresentados. É precisamente nesse descompasso que a bricolagem se constitui, não como improvisado, mas como atenção rigorosa aos modos próprios pelos quais as crianças indígenas interrogam as estruturas da pesquisa acadêmica.

Essa abordagem implica reconhecer a pesquisa como espaço de negociação epistêmica, onde os saberes infantis não são capturados, mas colocam em questão os parâmetros mesmos da produção acadêmica. A rasura de que fala Alves (2017), apoiada em Hall (1997), não é “falha” metodológica, mas marca visível desse embate: os cadernos

de campo cheios de correções, os registros audiovisuais que escapam às categorias prévias, as anotações que se multiplicam nas margens dos protocolos. Esses vestígios mostram como a bricolagem, longe de ser recurso secundário, torna-se via de produção a partir dos sentidos que os sujeitos (adulto-pesquisador(a) e criança-pesquisadora) dão/são no processo de construção de saberes que ressignificam à formalização excessiva.

Neste sentido, aqueles e aquelas que se valem do campo pós crítico de pesquisa em Educação, para pesquisar com crianças, devem estabelecer o rigor científico pautado nas possibilidades epistêmicas e metodológicas, e não na rigorosidade de passos a serem seguidos segundo um método ou procedimento.

Na pesquisa com crianças indígenas, essa provisoriedade se intensifica, possibilitando que a bricolagem seja menos sobre produção de dados e mais sobre criação compartilhada de linguagens, narrativas, olhares e afetamentos. Os desenhos infantis, por exemplo, não ilustram teorias prévias; antes, demandam que os quadros interpretativos sejam refeitos. As histórias contadas pelas crianças não preenchem questionários, mas redesenham as perguntas da pesquisa.

Nascimento e Alves (2018), destacam que a bricolagem desafia a temporalidade linear da pesquisa acadêmica. O "campo" não precede a "análise", assim como os "dados" não antecedem as "teorias". Tudo se dá em articulação, num processo de negociação, onde as crianças indígenas, com seus modos de ser, de conhecer e narrar, participam da construção dos referenciais teóricos e metodológicos, compondo, assim, a escrita da pesquisa. A bricolagem, nessa perspectiva, não é fase preparatória, mas modo contínuo de fazer pesquisa — uma prática que aceita a incompletude como condição do conhecimento e a rasura como prova de seu rigor.

Como pesquisadoras e pesquisador compromissados com pesquisas que negociam o estar com as crianças a partir dos afetamentos e circularidades, sugerimos olhar mais atentamente para trabalhos acadêmicos que busquem atuar (como atores) com propostas de pesquisa que percebem e negociam com as crianças suas autorias, não apenas na construção de dados, mas na organização do texto escrito. Na composição das referências, entregamos sugestões de leituras que já iniciaram esse debate e que também fazem parte das discussões que apresentamos no escopo deste texto.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É a partir dessas verdades que vamos produzindo outros discursos. O campo dos Estudos Culturais nos permite navegar a partir de narrativas próprias do contexto. Sua validade e rigorosidade estão no compromisso que assumimos, no detalhamento das experiências que nos afetam e na descrição não simplista, mas contextualizada, com significados e com representações dos procedimentos e mecanismos utilizados para a produção de dados.

As percepções teórico-metodológicas descritas nas pesquisas com crianças indígenas, que se efetivam na organização e estruturação de um texto acadêmico, também são frutos de negociações, traduções, ressignificações, rasuras e suturas tencionadas no campo empírico. Não pode haver teoria deslocada das concepções, dos modos de ser e dos dados que são produzidos e negociados na pesquisa de campo.

Enquanto projeto político, os Estudos Culturais, produzem possibilidades de colocar sob rasura a própria intenção (a objetificação da pesquisa como dado puro, simples, fixo, fechado em si) do pesquisador e pesquisadora. Ele nos permite perceber a bricolagem em sua tensionalidade, tanto como teoria e quanto como procedimento. Entendemos a bricolagem enquanto “rasuras metodológicas” que nos possibilitam “desviar de caminhos fixos [...], de olhares naturalizados, cristalizados sobre [...]” o pesquisar com crianças indígenas. (Alves, 2017, p. 96).

“Ao admitir a complexidade, a bricolagem constrói um papel muitíssimo ativo [...] ao criar os processos e as narrativas de pesquisa que a representam” (Kincheloe, 2007, p. 17). Bricolar, no campo da pesquisa, não se reduz à inclusão de um ou mais procedimentos metodológicos. Ao propor a bricolagem, o pesquisador e a pesquisadora devem estar atentos aos discursos e narrativas dos participantes/co-autores(as), bem como aos significados e significantes que vão construindo a sua participação no cotidiano, nas brincadeiras e afazeres, que são modos de ser das crianças indígenas com quem compartilhamos a pesquisa.

Estar atento, perceber seu estar lá e estar com, possibilita ao pesquisador e pesquisadora utilizar brincadeiras, circularidades e recursos do dia a dia como procedimentos de pesquisa. São essas percepções que a bricolagem apresenta como procedimento metodológico que não se fecha em si, em uma teoria ou em uma ciência, mas permite aos(as) pesquisadores(as) compreender que o cotidiano, as experiências e os afetamentos, como suturas, constituem de maneira articulada a bricolagem no campo da pesquisa com crianças, neste caso, indígenas.



## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rozane Alonso. **Ya Ka na âra Wanã**, movimento indígena e a produção das identidades das crianças Arara-Karo (Pay Gap/RO). Campo Grande, 2017. 234f. Tese de Doutorado em Educação – Universidade Católica Dom Bosco/UCDB.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 10. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- KIRCHOF, Edgar Roberto; WOETMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber. Apontamentos à guisa de introdução. In: KIRCHOF, Edgar Roberto; WOETMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber (Orgs). **Estudos Culturais e Educação**: contingências, articulações, aventuras, dispersões. Canoas: Ed. Ulbra, 2015.
- Nascimento, A. C., & Alves, R. A. (2018). Pesquisas com crianças indígenas e campo dos estudos culturais: bricolar e experienciar como base metodológica. **Reflexão e Ação**, 26(3), 106-122. <https://doi.org/10.17058/rea.v26i3.12541>
- SCARAMUZZA, Genivaldo Frois. **“Pesquisando com Zacarias Kapiaar”**: concepções de professores/a indígenas Ikolen (Gavião) de Rondônia sobre a escola. Campo Grande, 2015. 230 p. Tese de Doutorado em Educação – Universidade Católica Dom Bosco/UCDB.
- VIEIRA, Carlos Magno Naglis. **A CRIANÇA INDÍGENA NO ESPAÇO ESCOLAR DE CAMPO GRANDE/MS**: identidades e diferenças. Campo Grande, 2015. 228 p. Tese de Doutorado em Educação – Universidade Católica Dom Bosco/UCDB.

